

o resto. Indiretamente pôr-se-ia ao corrente da situação, por meio de Luizinha, a quem pretendia tomar por confidente dos seus projetos e por informante dos sentimentos da filha.

Mais tarde o capitão Galdino saiu a suas ocupações — ia ver um cercado que mandara construir em fazendola próxima; o vigário ferrou num sono lá para um canto do alpendre, com a varanda da rede por cima do rosto por causa das moscas; Alípio adormecera também em seu quarto, e Asclepiades, que já mudara de assunto, contava as novidades de Ipuçaba às três mulheres, atentas como se lhes falassem de coisas sucedidas em terras longínquas e curiosas.

De calça e camisa, os pés metidos nuns grossos chinelões do cunhado, meio sentado na rede, tíbias cruzadas como nos emblemas funerários, um dos braços dobrados sob a cabeça, o outro buscando o chão para a espaços impelir a rede em balouço lento e igual, o coletor passava em revista todos os fatos políticos, domésticos, religiosos, policiais e burocráticos dos últimos dias, como se os estivesse a ler em livro aberto.

— E a professora como vai? perguntou de repente a dona da casa.

Asclepiades revirou o lábio inferior num gesto de desdenhosa ignorância, e a pergunta ficou pairando intacta no silêncio embaraçoso que se fez. As duas moças trocaram um olhar: era um mútuo convite ao banho no riacho. A dona da casa foi preparar o jantar, e o Asclepiades, sem ter afinal auditório, adormeceu também, começando sem demora a roncar tão forte, como se roncasse por si e por todas aquelas coisas adormecidas ao calor da sesta — as aves mudas, as árvores imóveis, as reses malhadas sob as árvores, e porcos, e cães e gatos ressupinos²¹ estirados em atitudes cômicas, como se o sono os houvesse fulminado em meio a um movimento para fixá-lo concretamente, dando ao espectador essa impressão de estranheza que assumem os gestos naturais apanhados flagrantemente na chapa de uma fotografia instantânea.

CAPÍTULO XII

A VIAGEM com seus solavancos, com seu pó, com a sua soalheira trouxera ao doente uma reação que já ia tomando a feição de grave recaída: reapareceu-lhe a febre, desapareceu-lhe de novo a voz, e o seu estado moral sofreu uma depressão inquietadora para os seus

²¹ O termo, hoje em dia, sabe a preciosismo e significa: de pernas para o ar.

assistentes, a cujos carinhos e cuidados parecia insensível, imerso numa prostração apática, ritmada por um gemido surdo, insistente, maquinal. Veio o Pinheiro vê-lo no segundo dia, mandou abrir as portas do quarto para fazer luz, examinou-lhe a garganta, recalcan-do a língua com um cabo de colher, receitou um laxativo e garga-rejos de mel de jandaíra. Que não era nada, algum golpe de ar durante a viagem, o mais muita fraqueza de corpo e de ânimo — muito nervoso!

Três dias depois, com efeito, a crise havia passado de todo: voltou o fio de voz, o estômago já reclamava o leite, e os lábios já sorriam às senhoras que iam visitá-lo ao quarto previamente arranjado por Asclepiades. A vista da notável melhora do sobrinho, o vigário seguiu nessa mesma tarde para Ipuçaba, prometendo voltar dentro de dois ou três dias. Matias também se achava ali, pela segunda vez, pois da primeira não pudera ter acesso ao leito do doente em letargo.

Matias estava outro homem, mais robusto, mais corado, mais viril, com as mãos rijas e tostadas do sol do campo. O acolhimento gélido que lhe fez Asclepiades tinha-o, porém, desconcertado, e toda a afabilidade dos donos da casa não conseguiu calmar a sua perturbação. E, encerrado no quarto com o bacharel, contava-lhe com uma jovialidade forçada episódios de sua excursão que só interromperia quando houvesse de seguir viagem para a Capital. Tal viagem não era senão um projeto vago em cuja realização ele mesmo não acreditava deveras; mas, sem saber muito por que, ia propalando-o por toda a parte. Já falara nisso ali mesmo perante Florzinha, para dar-se importância e com o fim de estudar nela o efeito de sua resolução. Mas a rapariga ouvira-o sem o menor sinal de surpresa, com uma perfeita indiferença. E, tendo vindo outra vez à Varjota, Florzinha só estivera alguns instantes na sala e saíra pouco depois a passear a cavalo com a prima. Esta observara que podia parecer desfeita saírem naquele momento; porém Florzinha teimou, obser-vando com dureza:

— A gente há de perder o passeio por causa daquele tolo?

— Oh! Florzinha! repreendeu a outra, como falas deste modo a respeito de um rapaz tão inteligente e que te trata com tanta amabilidade? Ele não merece isto.

— Achas? galhofou Florzinha. Pois casa com ele, minha prima!

— Eu?! e se for contigo que ele quiser?

— Ora! Vê lá se me queres zangar.

Luizinha ficara surpreendida com essas palavras, visto como por ocasião do mês mariano anterior bem percebera os olhares que ele lançara à Florzinha, a perturbação desta ao entrar na igreja, o esfriamento de suas mãos, a sua maneira disfarçada de olhar para a

porta lateral por entre a grade do coro. Havia, sim, um princípio de namoro que supunha ter progredido. . . E essa vinda de ambos para o campo. . . a maneira quase hostil pela qual se referia ao Dr. Alípio. . .

Quando nesse dia Matias apontou no pátio da fazenda, Florzinha fugira para o quintal sob um pretexto qualquer e foi a prima quem o recebeu e o conduziu até a porta do quarto do doente. Era quase hora do jantar quando Matias voltou ao alpendre, que fazia as vezes de sala de visitas. D. Maroca e o marido insistiram com ele para ficar; mas a ausência de Florzinha e a cara embezerrada de Asclepiades não lhe permitiram aceder a essas instâncias de mera cortesia. Quando Matias havia dado alguns passos ladeira abaixo, o coletor perguntou com azedume:

— Que anda fazendo por aqui este troca-tintas?

— Estava passando uns tempos em casa do tio, informou D. Maroca. E o marido não se conteve que não perguntasse com azedume ao Asclepiades:

— Por que diabo embirra você tanto com este rapaz? Pois olhe: eu gosto muito dele.

— Ora, um preguiçoso, um maricas que não se ocupa em coisa alguma e vive à custa do trabalho da pobre mãe!

— Que há de ele fazer, se não lhe dão um emprego? Nem todos nasceram para o cabo da enxada. Se o pai fosse vivo, ele já estaria formado ou perto disso. Garanto como no lugar do Chico Herculano eu o colocaria bem, porque é um rapaz que sabe onde tem as ventas.

Asclepiades não quis prosseguir, mas torceu a cara com um imenso desdém às prendas do Matias.

— Se você visse, mano, interveio D. Maroca, os bonitos versos que ele fez para cantar-se no terço de Nossa Senhora!

— É uma famosa profissão, não há dúvida, chacoteou Asclepiades: fazer versos para terços! Você por que não o convida para professor de literatura do Cazuza? E você, Luizinha, não quer ser poetisa?

— Se eu tivesse inteligência para isso, decerto quereria, respondeu a rapariga com firmeza.

— Pelo que vejo, concluiu Asclepiades, francamente irritado, o ilustre poeta Matias de Araújo é o ai-Jesus desta casa. Pois que lhes preste.

— Olhe que o Dr. Alípio também é poeta! bradou Luizinha, rindo muito da zanga do tio.

E Asclepiades, ressabiado, de mãos nos bolsos, afastou-se da roda entre uma surriada de risos e entrou no quarto de Alípio, que lhe fez sinal para sentar-se ao pé do leito.

— Quando vai portador à cidade? perguntou o bacharel com a sua voz rouquenha.

— Até hoje que queira; e eu pretendo ir amanhã ou depois. Para que é?

— Para que o adjunto entre em exercício da promotoria, e o Chico Herculano telegrafe para a Capital em meu nome pedindo uma licença de três meses.

— Creio que não é preciso licença, disse Asclepiades com hesitação: o Pinheiro fica na interinidade até que o doutor possa reasumir o cargo.

— Não, quero a licença, porque pretendo ir à Capital logo que me restabeleça.

“Ir à Capital ou ir embora?” — pensou Asclepiades com um sobressalto profundo. Mas logo se tranqüilizou, certo de que o rapaz mudaria de idéia até restabelecer-se. E assentou nesse instante interpelar Luizinha e industriá-la para provocar a prima a uma confidência, caso elas ainda não se houvessem aberto a respeito de Alípio.

— Bem, visto que o doutor assim quer, pedir-se-á a licença. E se precisa de mais alguma coisa. . .

— Preciso de uns livros e outros objetos. Vou fazer uma nota. Referiu-se depois ao Matias.

— Excelente rapaz! disse Alípio aludindo à visita do poeta. Pedilhe que viesse cá a miúdo, para distrair-me.

Asclepiades conteve a tempo uma careta de contrariedade: decididamente essa gente conspirava toda para atucaná-lo com as excelências desse “poeta d’água doce”. E doeu-lhe também Alípio chamar outrem para distraí-lo, quando ele o fazia com tanta dedicação e assiduidade. Às vezes era o próprio doente quem lhe dizia: — “Bom, meu velho, agora vou tomar uma soneca.” E o homem a desejar a companhia desse idiota do Matias, um fazedor de versos de pé quebrado. . .

Na manhã seguinte Luizinha, que, como boa sertaneja, se levantava com o sol, ia passando para o curral para trazer leite à Florzinha (esta só das sete em diante conseguia deixar os lençóis) quando Asclepiades, posto de tocaia no terreiro, chamou-a à fala.

E o resultado da conferência, se não concorreu para desanuviar, também não encapelou mais a fronte pensativa do coletor: Luizinha nenhuma confidência recebera da prima, apesar de mais de uma vez tê-la provocado, indiretamente a princípio, depois diretamente; e como a coisa acabasse em choro, nunca mais tocara nesse assunto. Apenas teve Asclepiades a satisfação de saber que a filha tratara o Matias “de tolo” e saíra a passear durante uma visita do implicante

rapaz. As suas esperanças nada sofreram porém de sensível com o silêncio da filha perante a sua mais íntima amiga: não dissera sim nem não — chorara... Quem lá pode saber por que chora uma rapariga, em se tratando de casamento? Bem pode ser da incerteza de ser amada, pode ser o resto d'alma infantil que treme diante da perspectiva misteriosa de uma existência nova, pode ser a saudade prévia da família combinada com o medo instintivo, animal, de passar ao poder de um estranho. Só o que Asclepiades não podia conceber era que a filha chorasse por não querer casar com o Dr. Alípio. Isso era absurdo; desse o rapaz um passo decidido, e estava certo do assentimento da filha.

— Você precisa atracá-la de novo, Luizinha, e ajudar-nos nesta campanha. É para o bem dela.

A rapariga prometeu com um gesto de cabeça, e dirigiu-se ao curral.

À tarde, já com o cavalo selado a esperá-lo sob o beiral do alpendre, Asclepiades entrou no quarto do doente, de lápis e papel em punho.

— Vamos lá a ver o que precisa o nobre órgão da justiça pública.

— Uns livros que não sejam de direito — romances, poesias...

— Livro, ecoou Asclepiades, tomando nota.

— Tesourinha de unhas.

— Tesourinha.

— Estojo de barba, sabonetes...

— Hum.

— Roupas brancas, pijamas...

Asclepiades fitou-o:

— Que diabo é pijama?

— Estes fatos caseiros de flanela, de brim...

— Bem, mais nada?

— Ah! sim: a minha espingarda de caça com a caixa dos cartuchos.

— Só isto?

— Creio que só, por ora. Quando volta?

— Amanhã à tarde, com seu tio. Então até a volta, disse Asclepiades, inclinando-se e passando o braço pelas costas de Alípio.

— Até a volta: e o doente bateu-lhe nas costas também com a mão pálida.

Na tarde seguinte Asclepiades voltou, mas em companhia do Cassimiro; o vigário só podia vir no outro dia. À noite, toda a família e os hóspedes reuniram-se no quarto do doente, agora muito animado, embora ainda pálido e com a fisionomia transformada pela barba crescida. Florzinha, sentada com a prima sobre a mala de

Alípio, contemplava a este com interesse, malgrado seu, achando-o mais formoso assim desfeito e despojado da sua petulância de janota, com um bom sorriso na boca descolorida, mas ainda musculoso no pijama de flanela creme com risquinhas pretas. Alípio estava sentado numa vasta cama, a única da vivenda e em desuso desde que D. Maroca deixara de ter filhos.

Asclepiades e Casimiro disputavam com calor a palavra, querendo cada qual à porfia contar as novidades de Ipuçaba. As novenas muito frias com a ausência do vigário; a gente do João Ferreira muito esperançada de ficar de cima; muita fartura na Feira; o Pinheiro prometera vir com o vigário; um prestidigitador dando espetáculos na casa da Câmara; uma mulher do Açude dera à luz três crianças, todas perfeitas e fortes; o juiz de direito mandara muitas lembranças para Alípio e prometera fazer-lhe uma visita naqueles dias; um cavalariano de Pernambuco comprando animais a bom preço...

— Ora aí está uma notícia que me interessa, aparteou o capitão Galdino, já enfarado daquele noticiário sem fim: tenho aqui uma meia-dúzia de animais para passar nos cobres. Vou mandar lá o Cazuza tratar com esse sujeito.

— Mas olha que ele só compra cavalos feitos, pois são para a cavalaria de polícia do Estado, observou Casimiro.

— Sabe o nome dele? perguntou Alípio.

— Florêncio Cavalcanti de Albuquerque; tenho aqui um cartão dele.

— Homem, bastava dizer o primeiro nome, pilheriou o capitão Galdino; sendo de Pernambuco, já se sabe que é Cavalcanti-i-ti e de Albuquerque.

— Conheço muito, disse Alípio; é o *Florencanti*, como lhe chamam no Recife, por causa do endereço telegráfico de que ele usava quando era comerciante. É um tipão!

Todos se mostraram então muito curiosos de conhecer a história do *Florencanti*; mas Alípio tossiu e, levando a mão à garganta, declarou que não estava ainda em estado de fazer a biografia do herói da *Florenciada*, poema que lhe dedicara um bardo épico de Afogados.

— Quem dorme ali? perguntou Casimiro indicando a rede onde estava o capitão Galdino.

— É aqui o meu prestante e amável companheiro Sr. Cazuza, disse Alípio.

— Pois, Sr. Cazuza, permita que hoje o substitua no posto de enfermeiro.

E Casimiro dardejou para Alípio um olhar significativo. Cazuza acedeu gostosamente, saudoso e precisado como já estava dos seus

valentes sonos de oito horas a fio — das nove às cinco, — quando estava de pé para ajudar o vaqueiro a tirar o leite.

À ceia a conversação prolongou-se muito, mas sem a presença de Casimiro, ansioso por ficar a sós com o promotor.

— Então que há de novo depois de minha saída? perguntou Alípio ao escrivão, que se sentou ao lado da cama.

— É coisa liquidada, o João Ferreira monta o cabo nestes poucos dias; está por um triz. O Mendonça está muito amável comigo e faz muito boas referências ao doutor — que é muito talentoso, tem muito futuro, e é pena não ter um homem de prestígio que o impusesse aos chefes da Capital. Só falta dizer: chegue-se o Dr. Alípio ao João Ferreira e estará deputado.

— Meu velho, quer que lhe fale a verdade? Não penso mais em nada disso. Pedi uma licença, mas não pretendo reassumir o exercício; antes de ela terminar estarei no Rio, se Deus quiser.

Casimiro teve um gesto de desânimo. Estava pronto a bandear-se, mas sozinho talvez não o aceitassem, e, se o aceitassem, seria para humilhá-lo, para lhe fazer pagar caro as pirraças feitas ao antigo e rancoroso patrão. À sombra de Alípio estaria garantido contra as represálias e justificado de sua deserção, porque o promotor far-se-ia o centro da resistência em prol do generalíssimo. Visando estimular a vaidade do seu aliado, insinuou:

— Mas se a sua questão é ir para a Corte... para a capital da República, não seria preferível ir como deputado?

— Como deputado! E quem me assegura isso? Enquanto eu perco aqui meu tempo com estes matutos, os acontecimentos tomam outro rumo, depois nem mel nem cabaça.

— Ora, o doutor não conhece o João Ferreira; aquilo é ente muito perverso, mas, quando quer uma coisa, só Deus pode fazer falhar. Está visto que o doutor não vai se entregar assim sem uma promessa formal; mas, se ele prometer, pode-se considerar deputado. E, se não for isso, pode ser uma boa colocação na Capital; de lá o doutor tomará o seu vôo.

Mas a moléstia bambeara a vontade sempre tensa, sempre ativa e pronta do bacharel, que, abanando a cabeça, respondeu friamente:

— Pode ser que eu ainda mude de idéia; mas por ora a minha resolução é esta.

Descoroçoado, Casimiro ainda quis tocar outra corda:

— E esse casamento?...

Um encolher de ombros foi a única resposta que recebeu.

O escrivão acendeu um cigarro e pôs-se a fumar em silêncio.

— E Bilinha? perguntou Alípio alguns momentos depois, com um olhar que autorizava todas as franquezas.

— Continua a ser tida por todos como sua amásia. E até dizem que foi ela quem o pôs doente.

— Ela tem saído?

— Não, nunca mais foi a parte alguma.

— O Chico Herculano vai à casa dela?

— Não; ele anda muito sorumbático e, demais, tem medo da língua do povo.

— Você foi alguma vez lá?

— Fui, e aconteceu uma coisa muito interessante. Eu ia passando com o Florêncio, que me trouxe uma carta de apresentação de um amigo meu do Recife; D. Bilinha estava à janela conversando com a Benvenida. Paramos, apresentei o Florêncio, ela convidou-nos para entrar um pouco, entramos, conversamos um bom pedaço e... sabe que mais? O Florêncio ficou doido por ela!

— Essa agora! Mas o Florêncio é casado.

— Não; enviuvou; ainda está de luto pela mulher. Ainda ele me disse que está com vontade de pedi-la em casamento.

Alípio estremeceu, pensando quantas conseqüências poderiam resultar da paixão desse aventureiro, meio maluco, por essa mulher que ele atirara à perdição.

— Você sabe que Bilinha não pode casar com esse homem?

— Lá por isso não vejo grande impossibilidade, respondeu o escrivão, compreendendo tudo. Há pessoas que não fazem caso dessas coisas... Paixão cega!

— Ele tem ido lá depois?

— Todas as noites.

Uma nova sensação, estranhamente incômoda, fez Alípio estremecer e logo ele a definiu facilmente: era o ciúme da mulher que se lhe entregara intacta, sem condições, sem esperanças, conquistada sem resistência pelos seus atributos de homem.

E para disfarçar o seu mal-estar, com uma saída galhofeira:

— Diga ao *Florencanti* que estou pronto para servir-lhe de testemunha. E vamos agasalhar-nos; estou me sentindo muito fatigado.

— Quando o doutor estiver mais forte, insinuou ainda Casimiro, estou certo de que pensará de outra maneira. Deseja alguma coisa, Sr. deputado?

— Dê-me um desses livros, colega. Se eu for deputado-geral, você será estadual.

— Promete seriamente? inquiriu o escrivão com os olhos cintilantes.

— Palavra de honra.

— Então breve virei trazer-lhe notícias.

Ambos se agasalharam, enquanto as outras pessoas vinham da sala de jantar e entravam também para os seus aposentos. Luizinha

e Florzinha ocupavam um quarto contíguo. Alípio ouviu-as entrar, trancar a porta, falando e rindo baixinho. Agora era um duplo estalo tofo e repetido das redes que elas sacudiam; passos lentos no ladrilho; um rumor particular o fez sorrir, e elas também riram, mais baixo ainda, adivinhando-se que tapavam a boca, enquanto uma delas arrastava com força uma cadeira.

De aposento em aposento se ouviam vozes veladas, sacudir de redes, abrir de móveis e todos esses rumores que precedem o aninhar das criaturas. Mas no dormitório das moças fizera-se um silêncio profundo; não podia ser sono ainda; elas estavam a rezar naquele momento, provavelmente. E a imaginação do doente pôs-se a representar, para seu deleite, a cena que devia oferecer esse aposento, separado do seu apenas por uma parede.

Viu as duas moças sentadas à beira da rede, em camisa, absortas nas orações e, enquanto rezavam, a pensar paralelamente... Em quê? Sempre o atraía muito o mistério que existe em toda alma de virgem, mistério complexo, feito de ignorância, de curiosidade e dissimulação... Quem jamais pudera, mesmo depois de possuir uma mulher, como marido ou como amante, ouvir dela a confissão sincera, completa, do estado de sua personalidade nessa época da vida? Quando a transição se opera, ou ela esquece os pormenores reais, característicos, palpantes desse estado, ou os oculta por pejo e cálculo. E esse é apenas um ponto do grande mistério feminino, do grande segredo da atração e repulsão dos sexos a girarem sempre em órbitas distintas, equidistantes, como os corpos planetários...

Depois de algum tempo de íntima convivência pode-se chegar a conhecer uma consciência de homem em suas mais sutis minúcias, como um livro a que se abriu e leu todas as folhas; mas uma consciência de mulher tem fatalmente recantos impenetráveis, folhas fechadas, caracteres encobertos sob outros mais visíveis, como palimpsestos em que a astúcia inata do sexo foi traçando sucessivamente linhas superpostas exprimindo cada vez menos a autenticidade primitiva, real, genuína da individualidade.

E todas as mulheres, embora profundamente dessemelhantes na essência, diversas em feitio, chegam por fim a uma monótona assemelhação aparente, concorrendo sem discrepância para a formação dessa coisa sempre a mesma e sempre nova — a mulher.

Estava ali ao lado esse Casimiro, um conhecido recente para ele e já tão devassado em seu íntimo, como se sua consciência, com todas as suas manhas e perfídias, fosse um maquinismo coberto por uma redoma de vidro. E no quarto vizinho estava Florzinha, uma sertaneja ingênua, quase uma criança, de educação vulgar, inacessível à perfídia e impenetrável, entretanto, às suas sondagens de ob-

servador experimentado em lidar com mulheres. Que sabia dela afinal? Amava-o? Amava a outro? Não amava a ninguém? Não sabia nada. Determinasse-se ele a fazer-lhe uma declaração positiva como o desejavam o pai dela e o vigário, e arriscar-se-ia talvez, como um namorado pichote, a levar pelas ventas uma desdenhosa repulsa.

Se vencera tão prontamente Bilinha é porque surpreendera a sua exigente animalidade num momento crítico de exaltação, a dominar sozinho, sem um contrapeso de ideal afetivo, de pudor e de amor próprio. Aquilo era um fruto que cairia no chão se sua mão não se interpusse no momento da queda. Mas Florzinha nascera para esposa e morreria imaculada se não encontrasse o par.

Naquele momento Alípio sentia-se possuído de uma extrema lucidez, e tudo vibrava com uma extrema precisão em sua mente desocupada dos pensamentos utilitários e apurada para as agitações amenas da vida afetiva, tão forte, tão pura, tão dominante sob aquele teto. Aquela casa era o reino do coração; o cérebro era ali um simples mordomo, tendo por única função velar sem grande esforço pelo bem-estar material da comunidade. Das altas questões da vida inteligente nem se tinha sequer a vaga compreensão que traz os desassossegos do espírito. E então a idéia que sempre se lhe figurara falsa e romanesca de uma existência contente e calma, debaixo de quatro telhas e em meio da natureza, lhe pareceu verossímil, perfeitamente aceitável, como uma modalidade natural da vida multiforme da sociedade humana.

Alípio tentava debalde repelir os pensamentos que lhe afugentavam o sono. Ao lado, Casimiro dormia bestialmente soltando a expiração pela boca com esse som particular dos lábios de um cachimbador a soltar as baforadas metódicas. No corredor talvez, talvez no alpendre, o ric-ric estrídulo de um grilo vibrava. Vibrava obsidente no silêncio formidável, dando a impressão de um giz a riscar traços na ardósia negra da noite. E, quando o grilo parava, o silêncio se estendia fofo, absorvente, como espesso tapete em que se amortecessem todos os ruídos da vida. Depois era o canzarrão da fazenda que soltava no terreiro ladridos potentes, à guisa de “quem vai lá?” às aves e aos animais noturnos em excursões equívocas. E a espaços o vento zunia pressago nas frinchas da telha-vã.

Alípio irritava-se de estar sozinho acordado àquela hora, mas não teve ânimo sequer de procurar um derivativo no livro posto sobre a cadeira, ao lado da vela meio consumida.

Mas num momento de completo silêncio, uma tossezinha abafada se ouviu, tosse de pessoa em vigília, como ele, e dominada talvez também por pensamentos importunos, hostis à carícia anestésica do sono. Qual das duas moças estaria acordada?

Ambas o estavam, mas cada qual resolvera por sua vez fingir-se adormecida para poder dar livre curso à sua imaginação em viagem pelas mesmas regiões porém em sentido diverso. A de Luizinha voava serenamente, alentada por uma esperança vaga, porém, já deliciosa, estimulada por um alvoroço indefinido, mas estranhamente grato. A imaginação de Florzinha voava penosamente, produzindo uma dor em cada surto das asas que uma farsa fizera sangrar. A espaços ambas estremeciam — uma de prazer, outra de melancolia; uma começava a esperar, outra a desesperar.

E o drama mudo se desenrolava sorrateiramente na grande paz bucólica, sem que cada um dos protagonistas presentes, mas separados, despertos, porém calados, soubesse do papel dos outros, nem do seu próprio.

Luizinha pensava que se Florzinha e Matias não se amavam, como ela desconfiara a princípio, seu coração não se faria rogado para render-se a esse rapaz, cuja modéstia e inteligência tão bem correspondiam a um ideal que se formara romanescamente no seu espírito de sertaneja, para quem um poeta tinha a fascinação de uma superioridade deslumbradora. É peculiar a essa gente, ligeiramente desbastada de sua rusticidade, um culto apaixonado pela inteligência, como a um poder misterioso, e por isso mesmo próprio a despertar o instinto da veneração. Luizinha não acreditava, pois, que a prima não amasse ao Dr. Alípio, e a sua esquivança não passava de um estratagema de faceirice, a seu ver, excessiva. Eram “partes” de moça cônica dos seus encantos e que não queria render-se sem um assédio em regra. Ela, sem possuir as prendas da prima, mas detestando a rudeza dos rapazes da terra, contentava-se com o Matias, que não era formado, não era formoso, nem distinto como o outro, mas fazia figura na Capital e tinha umas delicadezas muito gratas à sua índole sonhadora. E visto que os velhos o simpatizavam... tanto... O pai havia de protegê-lo, de arranjar-lhe uma posição...

Florzinha começara, desde sua chegada, a desconfiar da inclinação da prima ao Matias, e essa suspeita pungira-a fundamente a princípio. E instintivamente retraía-se, ferida, malgrado seu, por um ciúme que doía mais quanto mais ela se esforçava por afugentá-lo do seu coração. E como o rapaz, desconcertado, buscasse um refúgio na afabilidade da prima, em quem não via senão uma confidente compassiva, logo Florzinha viu nessa aproximação uma correspondência do suspeitado afeto. E esse afeto foi em breve, com estranheza e receio, percebido por Matias, que em seu amor próprio ferido e em sua indolência moral o foi sorrateiramente tolerando, sem saber muito onde o levaria essa nova corrente do destino. Agora Florzinha considerava perdido esse esteio a que se apoiava,

vagamente embora, para resistir às forças que a impeliam para Alípio, sem se saber amada por esse homem a quem temia, a quem se sentia estranha pela educação, pelos hábitos, pela inteligência, pela compreensão de todas as coisas da vida! Não se considerava no caso de ser companheira de um pracião tão cheio de ambições, de exigências mundanas, de requintes intelectuais. Que vida seria a dela numa grande cidade, longe de sua família, ao lado desse homem, que em breve a desprezaria pelas mulheres de sua roda, as que sabem vestir, dançar, conversar, como a Bilinha...

Todos contavam que não sairia de Ipucaba sem pedi-la em casamento. Que fazer, quando lhe tinha fugido o outro, esse ingrato por quem tanto tinha ocultamente sofrido e chorado?... Nunca a tinha amado, com certeza, nunca compreendera a sua dedicação, muda mas fiel. Se Alípio a pedisse, que remédio havia senão dizer — sim? Perdida a esperança do seu primeiro amor, estava pronta a submeter-se à vontade do pai, não, entretanto, sem primeiro comunicar-lhe as suas inquietações pelo futuro, e não daria passo algum sem primeiro expandir-se com sua mãe: se esta, a despeito de sua promessa, quisesse o casamento, era que assim o queria a sua sorte. Pois que a sorte se cumprisse!

E Florzinha começou a chorar silenciosamente, num contido arquejar de presa inerte e submissa. E foi de tanto comprimir o seu pranto que lhe veio a tossezinha ouvida por Alípio.

Este tossiu também.

— Ah! estás acordada ainda? perguntou Luizinha. Então somos três, porque o doente está pigarreando.

— Cala a boca! vamos dormir! murmurou a outra muito baixinho para disfarçar a tremura da voz.

— Acho que é esta luz que nos está tirando o sono. Queres que apague?

— Apaga.

Luizinha deitou meio corpo para fora da rede, impeliu esta para apanhar o castical, apanhou-o, soprou e pô-lo no chão, ao pé de si. Mas no quarto se fez apenas uma meia sombra, porque a luz do quarto de Alípio entrava por cima, entre as telhas e a parede.

Luizinha ainda disse: “Estou sentindo pulgas!”, mas a outra apenas respondeu com um remexer de lençóis aconchegados e fazendo ranger a rede para tomar posição mais propícia ao sono.

Em breve todos dormiam. O grilo parara afinal com seu ric-ric agudo, a vida real cedera o lugar à vida fantástica dos sonhos, enquanto o silêncio, embiocado na treva, fazia a sua ronda de assombros pelo corredor deserto.

Somente o canzarrão vigilante, lá fora no terreiro, soltava, de longe em longe, ladridos de alerta, como a gritar — quem vem lá? — aos animais notívagos.

CAPÍTULO XIII

DOIS DIAS MAIS TARDE, Alípio, de cabeça e faces depiladas por um barbeiro vindo expressamente da cidade, vestindo um terno de flanela branca e tendo em volta da garganta um grande lenço de seda preta, pálido ainda e com um resto de sofrimento na ruga dúbia do sorriso, fazia sua exibição no alpendre, cercado do alvoroço carinhoso dos seus hospedeiros. A própria Florzinha lhe sorria com simpatia, achando um interesse novo na sua fisionomia, suavizada estranhamente pela enfermidade. A voz, roufenha de ordinário, tinha já, por vezes, uns lampejos da antiga sonoridade, um pouco enlanguescida agora e dobradamente cariciosa.

Toda a família, reunida ali numa grande roda, festejava a convalescença do enfermo e esperava o vigário e o Asclepiades, que tinham de chegar naquela tarde. O capitão Galdino punha em ação toda a sua grossa jovialidade, e chamava Alípio de fracalhão, de maricas, por se ter deixado derrotar com tão pouco. O Matias também viera tomar parte no alegrão e aceitara a intimação de jantar na fazenda, esquivando-se, porém, à tarefa de fazer um brinde, exigido pelo capitão, para “interpretar o acontecimento de que todos se achavam possuídos pelo restabelecimento do ilustre hóspede que...” E, formulando a sua incumbência, o dono da casa ditava o brinde inteiro, com seus lugares comuns, enfaticamente enunciados.

— Então. seu Matias, faz ou não faz o brinde? Olhe que, se fizer, provará de uma garrafa de vinho que o marinheiro do meu sogro trouxe de Portugal quando lá andou há trinta e tantos anos.

— Seu pai era marinheiro, D. Maroca? perguntou Alípio naturalmente.

D. Maroca embatucou um pouco com a pergunta, e respondeu com as orelhas em fogo:

— Era português.

— Mas era capitão de navio ou...?

Então foi uma grande risadaria. Alípio tomara ao pé da letra a palavra marinheiro, com que ainda se designa no Ceará o português, mas num sentido um tanto deprimente. E o capitão Galdino contou como em outros tempos o seu avô saía à rua no dia 7 de setembro,